

Um drama que é constante

Menores raptados engrossam hordas do banditismo

1/9/87

Serviço da AIM

Menores de 15 anos estão a ser raptados pelos bandidos armados, sendo posteriormente submetidos a treinos militares para levarem a cabo acções terroristas contra as populações.

É ilustrativa a história de uma criança recuperada pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM) de uma base dos bandidos em Nalazi, sul da província de Gaza, destruída em meados de Julho pelas FPLM.

Ela contou a jornalistas nacionais que fazia parte de um grupo de crianças raptadas na zona de Mbalavala, que estava a receber treinos militares para engrossarem o efectivo dos bandidos.

Segundo esta criança, as primeiras lições consistem na familiarização dos «instruendos» com o disparo de armas de fogo. Na primeira semana, as crianças são concentradas num lugar onde os bandidos-instrutores pegam em duas pistolas carregadas, encostam-nas aos ouvidos das crianças, e

de cano para cima disparam as armas até acabarem as balas.

Na fase seguinte, as pistolas são substituídas por armas automáticas de repetição ou tiro-a-tiro.

Quando já familiarizadas com os disparos, as crianças são forçadas a esnaair os primeiros passos de bandidos suicidas, avançando de arma em punho contra fogo simulado.

A criança recuperada em Nalazi disse que já estava nesta fase de treino quando as FPLM destruíram a base dos bandidos.

Ela contou outras fases do treino, dizendo ter visto outros menores serem ensinados a consumir drogas e posteriormente a receberem ordens para assassinar senhoras e bebés.

Testemunhas oculares disseram à AIM em Manjacaze que o numeroso grupo de bandidos que atacou a vila no dia 10 do último mês e assassinou pelo menos 92 pessoas, integrava um número considerável de menores de 15 anos, equipados com armas ligeiras. Um dos dois bandidos abatidos

com o cabecilha do grupo, o dito «Major André», era uma criança aparentando não ter mais de 12 anos.

Elioti Mapiça, de 30 anos, que conseguiu escapar após ter sido raptado em Manjacaze, contou à AIM que todas as pessoas raptadas foram mandadas carregar os produtos saqueados na vila, e foram postos à frente.

— O grupo, que nos vigiava era de crianças assim — disse, baixando a mão para uma altura de pouco mais de um metro do chão.

Junto ao armazém distrital, que os bandidos saquearam e danificaram seriamente, estes trocaram as roupas velhas que traziam por roupa nova encontrada neste armazém e em outras lojas comerciais. Entre a roupa velha encontrada no local havia calções e camisas de criança.

O drama das crianças em Gaza não fica só pelos raptos e sua transformação em criminosos. Nos massacres de Manjacaze e Xiguidela muitas das vítimas eram crianças.

António Muthuki, de 13 anos, estu-

dava na primeira classe quando, em Maio, ele e seus três irmãos mais novos accionaram uma mina em Pumbé, distrito de Chókwè. Os três irmãos morreram e ele perdeu as duas pernas e um braço.

Muthuki está internado numa enfermaria do hospital regional de Chókwè. Nessa mesma enfermaria estavam outras 15 crianças com menos de 15 anos.

O Dr. Carlo Frizzi, italiano, responsável da Pediatria deste hospital, indicou uma criança que ele disse ter quatro meses e que tinha dado entrada no hospital, dias antes.

— Os «matsangas» (designação muito utilizado pela população rural para os bandidos armados) esburacaram esta criança com baioneta e ela chegou aqui — disse o médico.

Nas vilas de Guijá e Xilembene, onde estão aglomeradas milhares de crianças constituem a maioria. Para pessoas fugidas de várias aldeias, as sobreviver, comem bolachas e leite distribuídos pelas autoridades locais.

— (AIM)